

Remodelação da rede de abastecimento de água de Beringel (Beja) dados preliminares dos trabalhos de minimização patrimoniais

.....

Miguel Serra, Eduardo Porfírio e Nuno Silveira¹

RESUMO

No decurso dos trabalhos de minimização de impactes sobre o património decorrentes do projecto “*Construção da Rede Pública de Distribuição de Água e de Drenagem de Águas Pluviais de Beringel*”, da responsabilidade da Empresa Municipal de Água e Saneamento, EEM (EMAS), a equipa da Palimpsesto, Lda. assinalou diversas ocorrências arqueológicas que atestam o elevado valor patrimonial do subsolo sob a actual vila de Beringel, intervencionando realidades de

um amplo espectro cronológico.

Alguns dos vestígios identificados revelam a forte presença romana na região, que é reforçada pela existência de outros sítios nas imediações, para além da detecção de sepulturas medievais e modernas no Largo da Igreja e de silos com materiais do século XVIII, que nos revelam as dinâmicas ocupacionais do primitivo núcleo de Beringel.

ABSTRACT:

During the course of the “historical environment (heritage) impact minimization measures” promoted by EMAS, EEM on the “*Construção da Rede Pública de Distribuição de Água e de Drenagem de Águas Pluviais de Beringel*” (public system of water supply and pluvial sewage in Beringel), the Palimpsesto Lda. team recorded various archaeological occurrences from various chronologies that testify the high heritage value of the subsoil in Beringel.

Some of the identified remains, corroborate an heavy roman presence in this Baixo-Alentejo village, a fact reinforced by the existence in the vicinity of various sites with similar chronologies. Meanwhile, the identification and archaeological excavation of medieval and modern graves in the Largo da Igreja, as well as various storage pits filled with materials dated from the 17th century, back up the occupational dynamics of the earlier settlement centre.

1 - Palimpsesto, Estudo e Preservação do Património Cultural, Lda. Apartado 4078, 3031-901 Coimbra.

1. INTRODUÇÃO

A Empresa Municipal, EMAS, promotora do projecto “*Construção da Rede Pública de Distribuição de Água e de Drenagem de Águas Pluviais de Beringel*”, adjudicou à Palimpsesto, Estudo e Preservação do Património, Lda., os trabalhos de minimização de impactes patrimoniais decorrentes da implementação da referida obra.

Os trabalhos consistiram no acompanhamento arqueológico da abertura de valas para colocação de drenagens pluviais em todos os arruamentos do perímetro urbano de Beringel, incluindo ainda a remodelação, a beneficiação das redes existentes e a implementação de raiz nas zonas onde não existam ou não estavam inseridas num sistema unitário. Também se procedeu à remodelação da rede de abastecimento público de água de Beringel, actividade que consistiu na colocação de novas condutas de distribuição, de novos ramais e na substituição do sistema de combate a incêndio por marcos de água.

Os trabalhos arqueológicos, sob a direcção de

um dos signatários (Nuno Silveira) decorreram de forma contínua entre Janeiro e Setembro de 2010, prosseguindo de forma ocasional a partir de 24 de Setembro sob a responsabilidade de uma outra empresa de arqueologia.

No decurso dos trabalhos, foi necessário proceder-se à realização de sondagens arqueológicas de avaliação de forma pontual, em função da detecção de diversos vestígios, de modo a garantir a sua caracterização e salvaguarda. Algumas destas realidades foram intervencionadas por uma equipa da Palimpsesto, Lda. sob a direcção científica de Eduardo Porfírio (Porfírio, 2011), havendo no entanto algumas ocorrências que foram adjudicadas a outra empresa do ramo, pelo que só nos referiremos neste trabalho à sua descrição aquando da identificação em fase de obra, pois desconhecemos neste momento os resultados advindos dessas outras intervenções.

2. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO E GEOLÓGICO

A vila de Beringel, situada no centro da vasta peneplanície do Baixo Alentejo, pertence em termos administrativos ao concelho e distrito de Beja (Fig. 1). O acesso faz-se a partir de Beja ou de Ferreira do Alentejo através da Estrada Nacional 121. Encontra-se nas seguintes coordenadas geográficas (retiradas de um ponto central) da Carta Militar de Portugal à escala 1: 25.000, folha n.º 509: Latitude N: 38° 03' 24"; Longitude W (Greenwich): 07° 59' 03"; Altitude (m): entre os 160 e os 184 metros.

Em termos geológicos encontramos-nos numa zona de transição caracterizada pela presença de terras mais arenosas de origem gabro-diorítica, com depósitos aluvionares mais argilosos (Lopes e Silva, 2005). A área de Beringel integra-se na orla Ocidental do sistema aquífero dos Gabros de Beja, rodeado pelos famosos “*Barros Negros*”, solos espessos e argilosos de cor escura, com elevada elasticidade e rijeza que possuem

enorme potencial agrícola (Cardoso, 1965; Duque, 2005: 66) e que seguramente terão constituído um importante factor de fixação local das comunidades humanas ao longo de vários períodos.

O substrato geológico é maioritariamente composto por uma rocha branda designada como “*caliços*” indicadora de zonas carbonatadas e presente sobretudo nas zonas baixas (Duque, 2005: 69).

Embora a agricultura se destaque como principal actividade económica da freguesia, a exploração de argila teve enorme importância ao longo dos séculos XVIII-XIX, fase em que as olarias de Beringel ganharam reputação pela sua qualidade produtiva (Macedo, 1968), com a concepção de objectos utilitários e obras de arte populares que sobrevivem à transição industrial, apesar desta ser actualmente uma actividade em declínio (Vicente, 1997: 55-56).

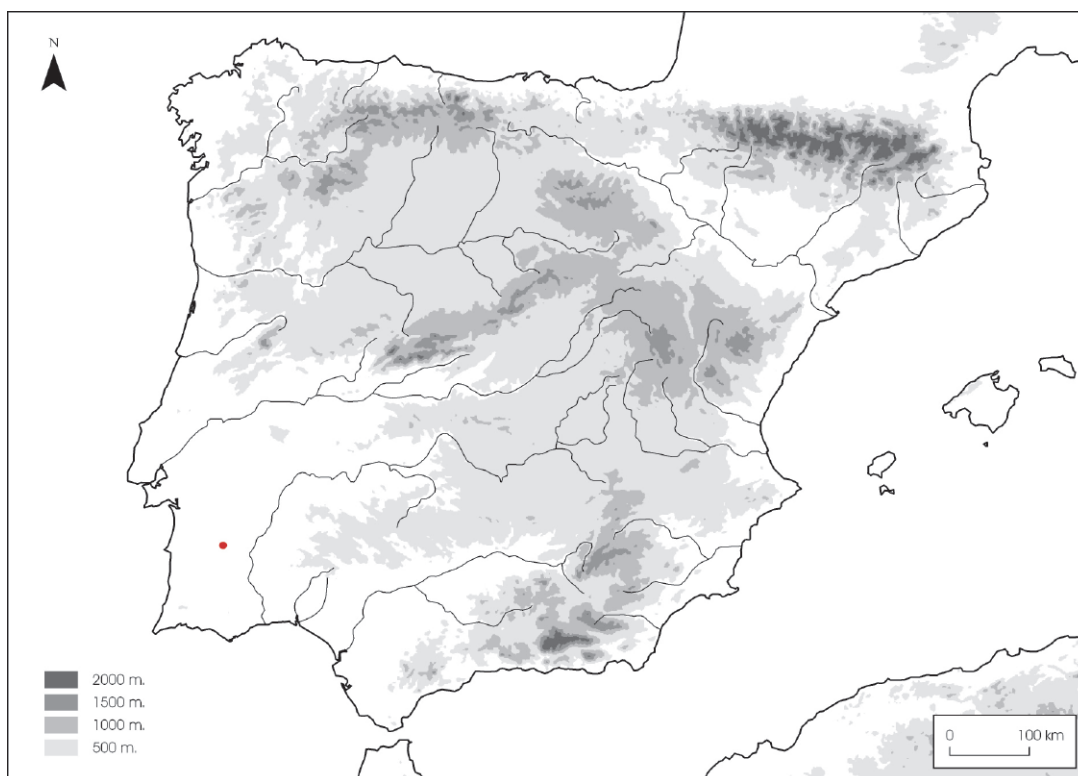


Fig. 1 – Localização de Beringel na Península Ibérica

3. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

Na freguesia de Beringel conhecem-se inúmeros sítios de vários períodos históricos, apesar da fraca correspondência em termos de publicações efectivas sobre os trabalhos neles realizados.

Entre primeiro lugar, cabe-nos destacar o vasto conjunto de povoados abertos de fossas com ocupações centradas sobretudo entre o Calcolítico e a Idade do Bronze, que revelam um importante núcleo entre as Ribeiras do Álamo e do Pisão, prolongando-se para as freguesias limítrofes de Trigaches e São Brissos (Antunes *et al.* 2012; Baptista, 2010). Da fase final da Idade do Bronze sobressai o imenso povoado fortificado do Outeiro do Circo (Parreira, 1977; Serra *et al.*, 2008), repartido com a freguesia de Mombeja, que terá constituído o principal elemento de configuração e estruturação do território durante a Pré-histórica recente desta região (Serra e Porfírio, no prelo). Do período seguinte são conhecidas diversas necrópoles com espólios de grande qualidade que permitem inscrever esta zona na esfera de influência dos contactos coloniais fenícios, com especial realce para a necrópole de Palhais (Santos *et al.* 2008), mas mais uma vez,

verifica-se que esta realidade é compartilhada com as freguesias próximas.

São no entanto os vestígios romanos que prevalecem na zona. As primeiras indicações sobre a ocupação romana de Beringel referem-se a diversos achados casuísticos como a estatueta da Vénus Anandiomene (Viana, 1943), a ara dedicada a Apolo (Viana, 1945), uma epígrafe funerária (Encarnação, 1984: 394-395; Lopes, 2003: 25) mosaicos, fustes de colunas e vários materiais cerâmicos (Viana, 1945; Lopes, 2003: 25). A estes podemos acrescentar a inscrição funerária do Olival de Corta Ventos (Encarnação, 1984; Lopes, 2003: 25).

Trabalhos mais recentes permitiram a detecção de um casal romano em Vale de Barrancas, que apesar de se situar na freguesia de Mombeja, está localizado a curta distância de Beringel (Jesus *et al.* 2001). Foi também nos últimos anos que se realizaram trabalhos de escavação arqueológica numa importante *villa* romana situada na Herdade da Ponte de Lisboa (Lopes, 2003: 25) e numa pequena ponte localizada nas suas proximidades, mas que revelou uma fase de construção

de época medieval (Martins e Lopes, 2008).

Dentro do perímetro urbano de Beringel realizaram-se recentemente algumas sondagens arqueológicas de avaliação na Horta do Cerrado, no âmbito do projecto de instalação de uma nova ETAR, onde foram exumados materiais de várias épocas (cerâmica de construção romana, alguns fragmentos de faiança e cerâmica vidrada moderna e abundantes fragmentos de cerâmica comum) (Barbosa e Mourinha, 2005).

A origem desta freguesia enquanto unidade administrativa data do século XIII (1225), quando D. Afonso III a doou aos frades do mosteiro de Alcobaça. No século XV encontrava-se a povoação arruinada pelas guerras que haviam assolado o país, tendo D. Afonso V encarregado D. Rui de Sousa de a povoar e melhorar. Passou para a posse da coroa em 1447 e dois anos depois para o domínio daquele nobre local. Beringel recebeu foral novo de D. Manuel I em 23 de Novembro de 1519, sendo elevada à categoria de vila.

Tornou-se sede de concelho na época moderna aquando de uma reorganização administrativa. As suas freguesias seriam mais tarde anexadas ao concelho de Beja, onde permanecem até à actualidade.

No que respeita ao património arquitectónico, Beringel possui um admirável conjunto de construções dos séculos XVI e XVII, dos quais se destacam os monumentos religiosos e os edifícios que serviram o antigo concelho, como a cadeia, hoje transformada em

Biblioteca. Logo à entrada, pela estrada que vem de Peroguarda, ergue-se a fachada tardo-renascentista da igreja matriz, com a sua torre sineira coroada de agulha e pináculos decorativos. Junto ao cemitério localiza-se o santuário de Nossa Senhora da Conceição (séculos XVII-XVIII) e um pouco mais abaixo a capela de Santa Maria Madalena ou calvário das Pedras Negras (século XVII). Semelhante ao de Ferreira do Alentejo, embora de menores dimensões, o pequeno templo apresenta-se igualmente caiado de branco e coberto de pedras graníticas, irregulares e de diferentes tamanhos, que simbolizam o caminho espinhoso do Gólgota (Viana, 1949).

Esta breve síntese serve para demonstrar o parco conhecimento arqueológico existente sobre a área actualmente ocupada pelo núcleo urbano de Beringel, o que contrasta vivamente com o panorama observado na sua envolvência, que tem revelado diversos sítios arqueológicos de grande importância para a compreensão da ocupação humana na região ao longo de diversos períodos.

A realização do acompanhamento arqueológico de um projecto que pressupunha o revolvimento do subsolo numa vasta área do perímetro urbano constituía assim, uma óptima oportunidade para conhecer melhor o dinamismo do povoamento de Beringel ao longo da sua história e mesmo em períodos mais recuados.

4. DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS

Os trabalhos de acompanhamento arqueológico do projecto supramencionado tiveram uma duração total de 173 dias, decorridos entre 20 de Janeiro e 24 de Setembro de 2010, prolongando-se posteriormente de forma esporádica sob a responsabilidade de outra empresa de arqueologia.

Foi efectuado o acompanhamento integral da abertura de valas para a colocação de infra-estruturas de drenagem de pluviais em todos os arruamentos da vila de Beringel (Silveira, 2011) (Fig. 2 e 3).

**REMODELAÇÃO DA REDE DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA DE BERINGEL (BEJA)
DADOS PRELIMINARES DOS TRABALHOS DE MINIMIZAÇÃO PATRIMONIAIS**



Fig. 2 – Planta urbana de Beringel com implantação dos traçados de projecto e localização das ocorrências detectadas.

Os principais elementos detectados surgiram na Travessa da Rua do Norte, com a identificação de uma sepultura romana; na Rua do Lagar Velho e na Praça Dr. Carlos Moreira, onde foram colocadas a descoberto duas estruturas negativas escavadas no substrato geológico; na Rua do Carmo Velho assinalou-se um

antigo poço, conhecido como Poço do Carmo, que foi alvo de aterro em meados do século XX; por fim, no Largo Padre António Alfaiate Marvão e na Rua de Nossa Senhora foram detectadas sepulturas de época medieval e moderna.



Fig. 3 – Abertura de valas na Rua das Pedras

Durante os trabalhos de acompanhamento foram recolhidos vários fragmentos cerâmicos cronologicamente enquadráveis na época romana, nomeadamente material de construção, como *tegulae* e *lateres*, e um fragmento de ânfora. O restante material cerâmico recolhido pode enquadrar-se na época moderna e contemporânea.

Na Rua Dr. Ângelo Ançã foram recolhidos vários fragmentos cerâmicos de época romana e do período moderno, nomeadamente material de construção, *tegulae* e *lateres*, um fundo de ânfora e cerâmica esmaltada. Ainda foram recolhidos vários fragmentos de cerâmica comum. Estes materiais encontravam-se num nível que julgamos ser de aterro para nivelamento da rua, no entanto, a grande concentração de material aí detectada, leva-nos a crer que poderá existir uma possível ocupação romana muito próxima do actual

centro da vila de Beringel.

Na ligação da bacia receptora com a Travessa da Rua do Norte identificou-se um pequeno muro com cerca de 70 cm de espessura e 90 cm de altura, constituído por pedra de pequena e média dimensão ligada por argamassa de cal e areia, rebocada com a mesma argamassa. Os materiais não permitiram inserir cronologicamente esta estrutura.

A abertura de vala na Travessa da Rua do Norte colocou a descoberto uma estrutura rectangular constituída por materiais de construção romanos, nomeadamente *tegulae*, que julgamos tratar-se de uma sepultura (Fig. 4). Esta estrutura foi parcialmente afectada pelos trabalhos de abertura de vala, no entanto, após uma limpeza cuidadosa, foi possível recuperar a totalidade da sua planta.



Fig. 4 – Possível sepultura romana na Travessa da Rua do Norte

Na Rua do Lagar Velho e na Praça Dr. Carlos Moreira foram colocadas a descoberto duas estruturas negativas escavadas no substrato geológico, cuja morfologia e unidades de enchimento possibilitaram classificá-las como silos.

Na Rua do Carmo Velho colocou-se a descoberto um antigo poço, conhecido como Poço do Carmo. Sugeriu-se que, para limitar o impacto negativo da obra neste elemento etnográfico, fosse efectuada uma perfuração

na parede do poço com o diâmetro necessário para se proceder ao atravessamento da conduta do pluvial, evitando assim a demolição integral do Poço.

Por fim, no Largo Padre António Alfaiate Marvão, anteriormente conhecido como Largo da Igreja, assim como na Rua de Nossa Senhora, foram detectados restos osteológicos humanos que revelam a existência de uma área sepulcral adjacente à Igreja Matriz de Santo Estevão.

REMODELAÇÃO DA REDE DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA DE BERINGEL (BEJA) DADOS PRELIMINARES DOS TRABALHOS DE MINIMIZAÇÃO PATRIMONIAIS

A equipa da Palimpsesto, Lda. procedeu ainda à realização de sondagens de avaliação, durante o mês de Junho, para caracterizar alguns dos elementos detectados, como sucedeu com as estruturas identificadas na Rua do Lagar Velho (silo) e no Largo Padre António Alfiate Marvão (sepultura).

No primeiro caso, foi intervencionada uma sondagem de 2,5 m x 2 m, implantada no centro da vala da conduta,

na zona em que o acompanhamento arqueológico detectou as camadas de enchimento do silo.

A estrutura arqueológica não foi escavada na sua totalidade, realizando-se por razões de segurança, um corte estratigráfico no limite Noroeste da Sondagem (Fig. 5 e 6). Esta opção justificou-se pela necessidade de não afectar os cabos de electricidade existentes naquele local.



Fig. 5 – Aspecto geral do silo na Rua do Lagar Velho

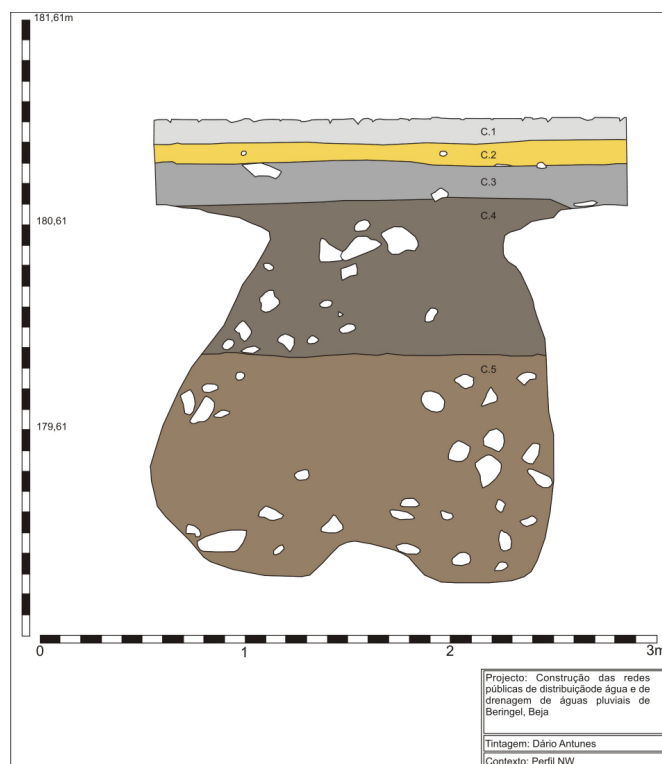


Fig. 6 – Perfil Noroeste do silo na Rua do Lagar Velho

Concluída a escavação verificou-se que o silo apresenta algumas peculiaridades, nomeadamente no que se refere à irregularidade das paredes e da base, motivada pela maior ou menor facilidade na escavação do afloramento granítico. Esta situação condicionou fortemente a morfologia final da estrutura, atribuindo-lhe um carácter de unicidade, apesar de os seus construtores terem tentado aplicar uma das formas clássicas de silo. Aquela em que as paredes da estrutura alargam a partir da abertura, fechando-se de forma mais abrupta no último terço, junto à base.

Não foi possível avaliar o topo do silo e consequentemente do que seria a sua “boca”, pois esta secção foi profundamente afectada pela abertura de uma vala. No entanto, a profundidade máxima conservada é de 187 cm e a largura máxima conservada é de 214 cm.

O momento final de utilização desta estrutura, corresponde a um período em que foi utilizada como lixeira, conforme se pode comprovar através das características dos seus enchimentos.

Para esta conclusão contribuem as características dos depósitos de enchimento, constituídos por sedimentos arenosos de grão fino, cuja tonalidade não é homogênea, variando por vezes para colorações mais escuras, denunciadoras da acumulação de uma maior

quantidade de matéria orgânica. Contribuem igualmente, as características dos materiais arqueológicos, quer pela elevada fragmentação e pela ausência de peças cerâmicas e metálicas completas, quer pela existência de muitos restos de alimentação.

Entre o espólio exumado nas camadas de enchimento do silo, contam-se inúmeros restos de alimentação constituídos por ossos de animais de pequeno e grande porte, cujas espécies estão ainda por determinar. Recolheram-se ainda alguns fragmentos de ferro, na sua grande maioria em avançado estado de corrosão, o que impediu uma atribuição tipológica. A minoria que permitiu classificação é constituída por elementos que se podem associar ao vestuário, tais como uma fivela e uma pequena corrente em liga de cobre. O mau estado de conservação do ferro explica-se pelo elevado nível de humidade proporcionado pelos sedimentos arenosos que preenchiam o silo.

A esmagadora maioria do material arqueológico é constituída por cerâmica comum, presente em várias formas, nomeadamente: panelas, caçoilas, alguidares, garrafas, testos, infusas, cântaros, malgas, potes e potinhos (Fig. 7). Grande parte destas peças pertencem ao âmbito da cozinha, o que se comprova pelas inúmeras marcas de fogo e fuligem em vários fragmentos de panelas e caçoilas.



Fig. 7 – Cerâmica comum exumada no silo da Rua do Lagar Velho

As formas de levar à mesa subdividem-se em dois grandes tipos de fabrico, o primeiro, constituído por recipientes que apresentam um tratamento de superfícies mais cuidado (vidrado, principalmente na superfície interna), o segundo compõe-se unicamente de faianças. Entre o primeiro caso contam-se formas como as malgas, as taças e em menor número, as tigelas e os alguidares. Para o segundo caso, contamos com as

seguintes formas: pratos, taças, tigelas.

Os fragmentos de faiança possibilitam uma atribuição cronológica mais precisa, neste caso contamos com produções cujas características apontam claramente para o século XVII – XVIII. Deste universo destacam-se as peças com decoração pintada a azul e um fragmento de majólica de esmalte azul claro, pintada a azul (Fig. 8).



Fig. 8 – Faiança exumada no silo da Rua do Lagar Velho

A segunda área sujeita a caracterização arqueológica localiza-se no Largo Padre António Alfaiate Marvão, onde foi necessário proceder à abertura de uma sondagem de

1,5 m x 1 m de modo a comprovar existência de uma sepultura, o que se veio a confirmar (Fig. 9).



Fig. 9 – Igreja Matriz de Santo Estevão e localização da sondagem no Largo Padre António Alfaiate Marvão

Desde modo, exumaram-se diversos ossos humanos pertencentes a um único indivíduo que foi inumado directamente na terra, não tendo sido identificado qualquer covacho ou estrutura sepulcral. Trata-se no entanto, de uma inumação primária como se comprova

pelas conexões anatómicas e articulações lábeis preservadas. O enterramento foi efectuado em decúbito dorsal com orientação Noroeste (crânio) – Sudeste (pés) (Fig. 10).



Fig. 10 – Enterramento no Largo Padre
António Alfaiate Marvão

A elevada fragmentação apresentada pelas peças ósseas deste indivíduo limitou seriamente o potencial da informação antropológica relativa ao mesmo. Os elementos ósseos que possibilitam auferir o sexo do indivíduo (crânio, ilíacos, ossos longos e ossos dos pés), bem como, os passíveis de fornecer uma estimativa da idade à morte (crânio e ilíacos) encontravam-se reduzidos a escassos fragmentos, o que impediu a determinação destes parâmetros. A observação de eventuais lesões, nomeadamente a nível patológico, também foi seriamente condicionada. Ainda assim, e a avaliar pelo estado de fusão epífises/diáfises, que se encontram completamente unidas, é possível afirmar que se trata de um esqueleto pertencente a um indivíduo adulto, cujo sexo não foi possível determinar (Rodrigues, 2010).

O espólio arqueológico recolhido é proveniente na sua totalidade de contextos secundários, conforme se pode verificar pela elevada fragmentação dos elementos cerâmicos e pela coexistência na mesma camada, de

fragmentos de peças do período romano e de outros cuja cronologia não se pôde precisar, mas cujas características das pastas os afastam daquele período.

Predomina esmagadoramente a cerâmica comum e apesar do reduzido número de bordos, fundos e asas classificados, foi possível identificar algumas formas tais como, potes e caçoilas, cujas características apontam para uma datação da Época Moderna. A presença de cerâmica de construção é puramente residual, resumindo-se a dois exemplares de telha tradicionalmente designada por “telha de canudo”.

Relativamente à cerâmica do período romano deve destacar-se uma asa de ânfora, uma outra de lucerna e um fundo *Terra Sigillata* com a marca de oleiro fracturada e ilegível (Fig. 11 e 12).

Recolheram-se ainda alguns elementos faunísticos de espécies ainda não identificadas.

Nos níveis que embalam o enterramento não foi recolhido material arqueológico, o que dificulta uma atribuição cronológica precisa deste contexto.



Fig. 11 – Asa de ânfora e asa de lucerna do Largo Padre António Alfaiate Marvão



Fig. 12 – Terra Sigillata com marca de oleiro do Largo Padre António Alfaiate Marvão

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ocorrências que foram alvo de medidas de caracterização revelam a diversidade de ocupações existentes sob o actual núcleo urbano de Beringel, com especial incidência para o período romano e o medieval/moderno. Se os vestígios de períodos mais recentes são concordantes com aspectos um pouco mais conhecidos da dinâmica histórica da vila de Beringel, já aqueles enquadráveis na época romana continuam a não ser suficientemente esclarecedores acerca da existência de uma eventual ocupação deste período sob o subsolo do actual perímetro urbano. Já anteriormente outros

autores alertavam para o facto de que os materiais encontrados em Beringel poderiam ser provenientes de algumas das *villae* localizadas nos arredores (Lopes, 2003: 25). No entanto, a recolha de vários fragmentos cerâmicos de cronologia romana, (*tegula*, *lateres* e um fundo de ânfora) e de cerâmica comum assim como um fuste de coluna em mármore de Trigaches (Fig. 13), constituem um conjunto de indicadores que poderão avalizar a existência de uma ocupação do período romano, muito embora a sua tipologia ainda permaneça desconhecida.



Fig. 13 – Fuste de coluna do Largo Padre António Alfaiate Marvão

Quanto aos vestígios arqueológicos identificados nas sondagens realizadas na Rua do Lagar Velho e no Largo Padre António Alfaiate Marvão, estes contribuem de um modo importante para aumentar o nosso conhecimento sobre duas facetas do quotidiano de Beringel. A partir do primeiro caso não só nos aproximamos dos métodos de conservação, de preparação e consumo dos alimentos, como também vislumbramos características do vestuário, das actividades comerciais e produtivas, nomeadamente da olaria que assumiu uma importância económica ímpar nesta vila alentejana. No segundo caso é o mundo da morte que se nos apresenta, apesar do mau estado de preservação das peças ósseas condicionar em muito o nível informativo deste contexto.

No que toca à atribuição cronológica, verificamos que para os vestígios identificados na Rua do Lagar Velho foi possível, através da forma e da decoração das faianças, atribuir uma cronologia em redor dos séculos XVII/XVIII para o período de colmatação do silo.

No caso do indivíduo inumado junto à Igreja Matriz de Santo Estêvão, a inexistência de material associado, foi factor determinante para a impossibilidade de datar com maior precisão a realização do enterramento. Sabe-se isso sim, que a construção da igreja matriz de Beringel remonta ao século XVI, mais precisamente aos anos de 1530 a 1546².

A localização do enterramento e a posição da inumação são concordantes com o largo período temporal em que os espaços envolventes das igrejas tiveram utilização funerária.

O mau estado de conservação dos vestígios osteológicos, deve-se em grande medida ao facto de se encontrarem a poucos centímetros da camada de preparação do nível actual da estrada. Esta situação provoca uma forte exposição dos ossos à compactação decorrente quer da construção quer da utilização da rua, daqui resultando uma elevada fragmentação das peças ósseas. Nestas condições, foi apenas possível determinar que o indivíduo aqui sepultado, é um adulto, inumado em decúbito dorsal, segundo uma orientação Noroeste (cabeça) – Sudeste (pés).

Em conclusão, pode afirmar-se que perante um projecto do âmbito daquele que a EMAS executou em Beringel, só a aplicação de medidas de minimização da natureza das mencionadas alongadas do trabalho, poderá resultar no incremento do conhecimento histórico desta povoação. Caso contrário, os vestígios arqueológicos detectados, teriam ficado irremediavelmente perdidos gerando uma importante perda para a compreensão da evolução histórico-arqueológica das freguesias rurais do concelho de Beja, neste caso concreto da vila de Beringel.

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, A.S., DEUS, M., SOARES, A. M., SANTOS, F., ARÊZ, L., DEWULF, J., BAPTISTA, L. e OLIVEIRA, L. (2012) – Povoados abertos do Bronze Final no Médio Guadiana, Sidereum Ana II. El río Guadiana en el Bronze Final, Anejos de AEspA LXII, Mérida, pp. 277-308
- BAPTISTA, L. (2010) – The Late Prehistory of the watershed of the Ribeiras de Pisão and Álamo (Beja, South Portugal: a research programme. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. Vol. 13, pp. 69-84.
- BARBOSA, R. e MOURINHA, N. (2005) – *Projecto de construção da nova ETAR de Beringel – Horta do Cerrado: Sondagens Arqueológicas de Diagnóstico*. Coimbra. Relatórios Palimpsesto.
- CARDOSO, J.C. (1965) – *Os Solos de Portugal, sua Classificação, Caracterização e Génese. I- A Sul do Rio Tejo*. Secretaria de Estado da Agricultura. Lisboa.
- DUQUE, J. (2005) – *Hidrogeologia do Sistema Aquífero dos Gabros de Beja*. Tese de dissertação de Doutoramento em Geologia, especialidade em Hidrogeologia, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Departamento de Geologia. Lisboa.
- ENCARNAÇÃO, J. (1984) – *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis: subsídios para o estudo da romanização*. Coimbra.
- JESUS, L., GOMES, L. F., CARVALHO, P. e SANTOS, F. (2001) – Trabalhos arqueológicos no Vale de Barrancas (concelho de Beja). *Vipasca. Aljustrel*. N.º 10, pp. 27-45.
- LOPES, A. e SILVA, A. (2005) – *ETAR de Beringel. Estação elevatória 1 – Estudo Geológico-Geotécnico*. Relatório apresentado à Consdep, S.A., Centro de Estudos de Geologia e Geotecnia de Santo André. Relatório policopiado.
- LOPES, M. C. (2003) – *A cidade romana de Beja. Percursos e debates acerca da "civitas" de Pax Iulia*. Catálogo de sítios. Conímbriga – Anexos 3. Coimbra.
- MACEDO, A. (1968) – As olarias de Beringel. *Cadernos de Etnografia*. Barcelos. N.º 4, 2ª série, Museu de Cerâmica Popular Portuguesa.

2 - http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=915 (consultado em 10 de Março de 2011)

REMODELAÇÃO DA REDE DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA DE BERINGEL (BEJA) DADOS PRELIMINARES DOS TRABALHOS DE MINIMIZAÇÃO PATRIMONIAIS

- MARTINS, A. e LOPES, G. (2008) – Gliptografia da Ponte de Lisboa (Beringel – Beja). *Vipasca*, 2, 2ª Série, Aljustrel: 665-677.
- PARREIRA, R. (1977) – O povoado da Idade do Bronze do Outeiro do Circo (Beringel/Beja). *Arquivo de Beja*. Beja. Vols. 28-32, p. 31-45.
- PORFÍRIO, E. (2011) – *Construção das Redes Públicas de Distribuição de Água e Drenagem de Águas Pluviais de Beringel, Beja – Sondagens arqueológicas na Rua do Lagar Velho e Rua Padre António Alfaiate Marvão. Relatório Final*. Coimbra. Relatórios Palimpsesto, 005.11.
- RODRIGUES, Z. (2010) – *Minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da construção das redes públicas de distribuição de água e de drenagem de águas pluviais de Beringel. Intervenção na Rua Padre António Alfaiate Marvão (Beringel, Beja)*. Beja. Relatório antropológico de campo.
- SANTOS, F., ANTUNES, A., GRILO, C. e DEUS, M. (2009) – A necrópole da I Idade do Ferro de Palhais (Beringel, Beja). Resultados preliminares de uma intervenção de emergência no Baixo Alentejo. PERÉZ, J. A e ROMERO, E (eds.). *Actas do IV Encuentro de Arqueologia del Suroeste Peninsular*. Ediciones Universidad de Huelva, Huelva, pp. 746-804.
- SERRA, M. e PORFÍRIO, E. (no prelo) – O povoado do Bronze Final do Outeiro do Circo (Mombeja, Beja). *Vipasca*. SERRA, M., PORFÍRIO, E. e ORTIZ, R. (2008) – O Bronze Final no Sul de Portugal – Um ponto de partida para o estudo do povoado do Outeiro do Circo. *Vipasca*. Aljustrel. N.º 2, 2ª Série, pp. 163-170.
- SILVEIRA, N. (2011) - *Construção das Redes Públicas de Distribuição de Água e Drenagem de Águas Pluviais de Beringel, Beja. Acompanhamento Arqueológico. Relatório Final*. Coimbra. Relatórios Palimpsesto, 002.11.
- VIANA, A. (1943) – A Vénus de Beringel. *Museu*. Porto. Vol. II, pp. 47-52.
- VIANA, A. (1945) – Museu Regional de Beja. Secção lapidar. *Arquivo de Beja*. Beja. Vol. II, 1ª Série, 232-265.
- VIANA, A. (1949), Beringel: Notas Monográficas. *Arquivo de Beja*. Beja. Vol. VI, 1ª Série, pp. 153-185.
- VICENTE, L. (1997) – A Olaria em Beringel: a arte funcional. *Arquivo de Beja*. Beja. Vol. V, 3ª série, pp. 55-67.